

CIRANDAR: rodas de investigação desde a escola

ACERTOS E DESACERTOS

Sandra Mara do Amaral Machado
sandramachadoo@hotmail.com

Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas

1 CONTEXTO DO RELATO

Este relato tem por objetivo narrar o desafio que está sendo enfrentado pelos professores de ensino médio diante da atividade de Seminários Integrados, disciplina desenvolvida nas escolas estaduais da 18ª. Coordenadoria Regional de Educação da Secretaria de Educação do estado do Rio Grande do Sul - CRE, nos primeiros anos do ensino médio como componente da grade curricular da reestruturação curricular em andamento.

Esta mudança nas escolas gerou a necessidade de novas ações e procedimentos. Os quais a 18ª. Coordenadoria de educação – 18ª. CRE -em parceria com a FURG, através do trabalho desenvolvido no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, o grupo Comunidades Aprendentes de Educação Ambiental, Ciências e Matemática CEAMECIM propôs a formação aqui relatada tendo por base a experiência dos Encontros de Investigação na escola .

Na formação, parte-se da suposição do exercício da escrita continuada como ferramenta que inquieta e desafia os educadores em relação à prática da leitura e da escrita. Também trabalhasse com a idéia que aprendemos mais quando estamos desenvolvendo atividades com objetivos comuns, desenvolvendo repertórios compartilhados de diálogo, registro e afetos. Desta combinação começamos a entender que dependemos uns dos outros para alcançar os resultados desejados nos Seminários Integrados, ou seja, à compreensão de trabalho e de pesquisa no contexto de ações educativas no ensino médio.

2 DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

O desafio de trabalhar com os seminários integrados começou em março com a organização dos professores frente à necessidade de oferta desta nova disciplina juntamente com as demais disciplinas com compõem a primeira série do ensino médio. Também existiam dúvidas quanto à maneira como seriam desencadeados estes projetos. Se propostos pela escola, se propostos pelo professor ou como uma proposta vinda do aluno, incentivando-o a busca suas próprias curiosidades.

Chegou-se a conclusão que a melhor forma seria partir do próprio aluno. E a escolha desta modalidade gerou uma grande ansiedade na grande maioria dos professores, uma vez que teríamos de deslumbrar dentro do trabalho de pesquisa do aluno uma maneira de mostrar a inserção dos conteúdos programáticos de sala de aula, não só da disciplina com a qual trabalhamos como também as demais disciplinas que compõem o quadro da primeira série,

Ultrapassado este primeiro estágio, partimos para uma próxima etapa, na qual começamos a conversar com os alunos em sala de aula explicando a inserção desta nova disciplina bem como as características de liberdade de escolha que ela lhes apresentava, ofertando a eles um leque infinito de oportunidades, na forma de temas a serem abordados.

Como já era de se esperar o primeiro momento foi bastante confuso. A ideia de escolher um determinado assunto para ser desenvolvido mostrou-se mais assustadora do que

animadora. Talvez por estarem acostumados a resultados imediatos e sequências prontas do que deve ser realizado.

Esta postura dos alunos não chega a ser uma surpresa, uma vez que a formação acadêmica tem sido efetuada sempre da mesma forma desde o início da escolarização. A quebra deste fato vem acontecendo somente agora com o uso de computadores e da internet, mas esta ainda é uma prática seguida apenas por alguns professores.

Embora seja natural ao aluno contestar as atividades de sala de aula perguntando sempre por qual motivo ele deve aprender os conteúdos que estão sendo trabalhados e que aplicação prática isto teria no seu cotidiano. No momento em que é permitido a este mesmo aluno o poder de escolha sobre a sua bagagem de conhecimentos, ele se sente perdido, sem conseguir definir qualquer proposta de trabalho. Esse despreparo no que diz respeito ao livre arbítrio sobre suas escolhas fez com que andássemos em círculos. Ficamos varias aulas indo e voltando ao mesmo ponto de partida, que era a escolha dos temas.

Estes acontecimentos acabaram servindo como uma mola precursora para que o nosso grupo de professores ligados ao seminário integrado se reunisse para trocar ideias e experiências. Essa aposta de apoio compartilhada entre os colegas acabou fazendo toda a diferença no desenvolvimento das nossas atividades. Passamos a discutir formas que pudessem estimular os alunos a decidir por onde e como começar suas investigações.

Fizemos então na escola atividades que pudessem integrar os três turnos (manhã, tarde e noite), misturando os alunos e dando a eles oportunidades de desenvolver atividades diferenciadas, ou seja, o aluno quando vem para escola ele já sabe tudo que vai acontecer. Então a partir do momento em que quebramos esta sua rotina ele fica mais interessado, ou seria melhor dizer, ele fica curioso pra saber qual será a próxima etapa. Eles não só participam como também nos surpreendem com suas indagações e colocações.

As turmas com as quais eu estou trabalhando seminário (103 – no turno da manhã ; 105 e 106 – no turno da tarde), cada uma tem suas características próprias, onde os alunos individualmente ou em grupos estão pesquisando assuntos que partiram da escolha deles, o diferencial é a existência de um tema central como plano de fundo ou não.

Na turma 103 o nosso palco é a universidade, e os grupos voltaram suas atenções tanto para o andamento da instituição como para os cursos que são oferecidos. Através deste trabalho eles estão dando um primeiro passo para suas escolhas profissionais no futuro.

Já as turmas da tarde, a 105 tem com principal assunto as redes sociais. Enquanto que na 106 os assunto estão generalizados em torno dos conflitos e escolhas da fase adolescente.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

O nosso sistema de educação teve seu início no ano de 1549 com a chegada dos jesuítas em terras brasileiras. Eles assumiram um papel duplo de colonizadores e educadores durante os primeiros duzentos anos de história, no Brasil que aqui encontraram. Segundo Paiva Bello,

“Quando os jesuítas chegaram por aqui eles não trouxeram somente a moral, os costumes e a religiosidade européia; trouxeram também os métodos pedagógicos.”

Porém com a expulsão dos jesuítas pelo Marques de Pombal, houve uma ruptura na prática educativa. Vimos por um bom tempo uma massa crescente de iletrados se estabelecerem em nosso solo. A partir de então um longo quadro de mudanças foi sendo descortinado.

Somente no século XIX se concretizava a escola gratuita e obrigatória. Embora ainda não extensiva a todas as camadas sociais, foi mesmo assim um começo.

Passamos por inúmeras mudanças e alcançamos hoje um estágio global de grande avanço tecnológico.

Para o educador, Pedro Demo, professor do departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, em sua palestra “Os desafios da linguagem do século XXI para a aprendizagem na escola”, diz que:

A escola está distante dos desafios do século XX. O fato é que quando as crianças de hoje forem para o mercado, elas terão de usar computadores, e a escola não usa. Algumas crianças têm acesso à tecnologia e se desenvolvem de uma maneira diferente - gostam menos ainda da escola porque acham que aprendem melhor na internet. As novas alfabetizações estão entrando em cena, e o Brasil não está dando muita importância a isso – estamos encalhados no processo do ler, escrever e contar. Na escola, a criança escreve porque tem que copiar do quadro. Na internet, escreve porque quer interagir com o mundo. A linguagem do século XXI – tecnologia, internet – permite uma forma de aprendizado diferente. As próprias crianças trocam informações entre si, e a escola está longe disso. Não acho que devemos abraçar isso de qualquer maneira, é preciso ter espírito crítico - mas não tem como ficar distante. A tecnologia vai se implantar aqui “conosco ou sem nosco”.

A educação escolar precisa mais uma vez incorporar-se as mudanças sociais e comportamentais, no entanto para romper com as tradicionais aulas acadêmicas e reestruturar a educação é preciso coragem.

Mas não apenas coragem, precisamos também de uma infra estrutura que nos de o apoio necessário para concretizar estas novas idéias.

A proposta pedagógica atual é de uma aprendizagem centrada no aluno enquanto indivíduo que o prepare na sua inclusão na sociedade em vez de apenas fornecer conhecimentos destinados a formação profissional.

Entre os pensadores da educação o belga Jean OvideDecroly foi um dos per cursores a discutir a idéia de o aluno conduzir o seu próprio aprendizado, para ele;

"Convém que o trabalho das crianças não seja uma simples cópia; é necessário que seja realmente a expressão de seu pensamento"

Desta forma o estudante tem a chance de aprender a aprender, ou seja, formar suas conexões a partir de uma motivação interior.

Os pensamentos de Decroly estão presentes hoje nas salas de aula e ajustam-se as propostas pedagógicas que vem sendo disseminados atualmente. Como por exemplo, a idéia de globalização de conhecimentos - que abrange o método global de alfabetização - e dos centros de interesse.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de reestruturação dos conteúdos curriculares é uma boa idéia, mas precisa se adequar com a caminhada existente dentro da escola. Nada acontece da noite pro dia. Estamos com meio ano de trabalho. Esse é um tempo muito pequeno para querer firmar qualquer tipo de conclusão. O máximo que podemos que podemos anunciar são suposições. Então vamos supor que esta idéia de um bom resultado, isto significará que todo este esforço que estamos fazendo terá valido a pena. Teremos conseguido transformar nossos alunos em

curiosos em potencial. Pessoas que trazem no seu interior um “por que” que se acende e o impulsiona a seguir em determinada direção.

5 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

http://www.nota10.com.br/noticia-detalle/_Pedro-Demo-aborda-os-desafios-da-linguagem-no-seculo-XXI(Acesso em : 11/08/2012)

<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/ovide-decrolly-307894.shtml>

(Acesso em : 11/08/2012)

<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb01.htm>(Acesso em : 11/08/2012)

ESTA FICHA DEVERÁ SER PREENCHIDA PELO LEITOR CRÍTICO DO TRABALHO, QUE DEVERÁ RETORNAR, ATRAVÉS DO SITE DO EVENTO, JUNTAMENTE COM O TRABALHO LIDO

FICHA DE LEITURA DE TRABALHO

Prezado(a) parceiro(a) de leitura,

O Programa Encontros sobre Investigação na Escola na edição do projeto Cirandar: rodas de investigação na escola tem como proposição formativa a leitura, análise e proposição de escrita de um parecer para o trabalho lido. Para tanto, observe os critérios elencados a seguir. Lembre-se que o objetivo dessa análise consiste em sugerir melhorias no texto, não se tratando de um julgamento de concepções teórico-metodológicas. Esta etapa do evento é fundamental para que se concretize a formação acadêmico-profissional pretendida.

Sugerimos que a leitura crítica seja registrada no próprio artigo utilizando o revisor do Word

NOME DO PARCEIRO DE LEITURA

TÍTULO DO TRABALHO LIDO

Autor do trabalho...

CRITÉRIOS

- a) O contexto do relato apresenta detalhamento do lugar, do tempo e com quem foi desenvolvida a atividade?
- b) As propostas de investigação e as formas como foram desenvolvidas estão expressas ao longo do texto?
- c) A atividade encontra-se descrita de forma que possa ser claramente compreendida?
- d) A análise e a discussão são coerentes com os objetivos propostos e as conclusões descritas?

A partir do conjunto de perguntas, elabore um parecer destacando aspectos considerados importantes e interessantes. Sugerimos por exemplo que sejam apontada reformulação de escrita, indicação de leituras complementares, indicação de aspectos a esclarecer.

Gostaria de apontar aspectos do trabalho que julga serem relevantes para a discussão durante o evento? Quais?

Aspectos...